



Quem cuida do futuro?

Na última quinta-feira, antes de subir ao palco do auditório do Hospital Albert Einstein, em São Paulo, pensei no que significa sentir-se seguro. Eu estava ali para falar em um Summit de Segurança Psicológica. No camarim, dividi espaço com Christian Dunker, de quem sou grande admiradora. A importância daquele encontro, para mim, ia muito além da palestra.

Segurança emocional não é a promessa de que nada vai nos abalar. É saber que existe algum chão quando isso acontecer: um vínculo, uma escuta, uma comunidade capaz de não nos deixar sozinhos diante do sofrimento e, mais que isso, saber que existem pessoas decididas a usar a força da lucidez para romper com os padrões adoecidos que corroem nossa estabilidade mental.

Foi por isso que comecei falando da dimensão coletiva da saúde mental. Cada época tem seu zeitgeist, seu modo de viver, desejar e adoecer. Freud curava a histeria em uma sociedade atravessada por repressões e silêncios. Hoje, falamos de burnout e de crises de pânico; discutimos também o TDAH em um cotidiano que parece exigir atenção contínua enquanto disputa cada segundo dela. Influenciamos o espírito do nosso tempo e somos influenciados por ele. O sofrimento que se manifesta na pessoa pede que olhemos para o mundo à sua volta.

E o mundo à nossa volta está mudando depressa. A transformação digital me levou a uma pergunta incômoda: que responsabilidade assumimos pelo poder que estamos criando? Na Polymarket, até a data de um ataque militar pode virar objeto de aposta. A Palantir desenvolve ferramentas de IA para acelerar o planejamento militar e a seleção de alvos. São usos distintos da tecnologia, mas ambos nos obrigam a perguntar o que acontece quando a violência passa a caber tão facilmente em números, previsões e telas.

Uma previsão pode informar uma decisão. Não pode assumir a responsabilidade moral por ela. Quando há vidas em jogo, a capacidade de calcular mais rápido não nos autoriza a sentir menos.

Foi aí que acrescentei à reflexão algo em que acredito profundamente: cuidar é uma forma refinada de exercer poder. Uma mãe tem mais força, recursos e capacidade de decisão do que um bebê. Quando cuida, usa essa vantagem para protegê-lo, ajudá-lo a crescer e criar as condições para que, um dia, ele possa agir por si. O cuidado alcança sua grandeza



quando torna possível a autonomia do outro.

Essa é a pergunta que devemos fazer a quem desenvolve, contrata e utiliza a IA: o que essa tecnologia ajuda as pessoas a se tornarem? Uma ética do cuidado precisa orientar seus objetivos, seus limites e as decisões humanas sobre seu uso. Não basta que uma máquina saiba falar com delicadeza se o poder que colocamos em suas mãos continua indiferente às consequências.

Saí daquele palco profundamente tocada por ter podido levar essa mensagem. Por um instante, senti-me arauto de tempos mais auspiciosos. Não porque o futuro esteja garantido, mas porque ainda podemos escolher como construí-lo.

De um berço a uma civilização, a segurança começa quando quem tem poder escolhe criar condições para que o outro viva e floresça.